

Mentiras de Estado

Fakenews a serviço dos Estados Unidos

Os Estados Unidos possuem uma longa tradição de mentiras de Estado, como se vê nos exemplos abaixo.

1898 – Declaração de guerra à Espanha

O encouraçado norte-americano Maine explode na baía de Havana. O governo dos EUA acusou a Espanha de ter colocado uma mina no casco do navio que explodiu matando toda tripulação. Foi o pretexto para a declaração de guerra à Espanha e a anexação, pelos EUA, de Cuba, Porto Rico, Filipinas e a ilha de Guam. Treze anos depois, em 1911, uma comissão que investigava a destruição do Maine concluiria que ocorrera uma explosão acidental na sala de máquinas.

1964 – Ataque do Golfo de Tonquim dá início à Guerra do Vietnã

Dois destroieres norte-americanos são atingidos por torpedos norte-vietnamitas, no golfo de Tonquim. Foi o pretexto para o presidente Lyndon B. Johnson o bombardeio contra o Vietnã do Norte. Começava a Guerra do Vietnã que só iria terminar – com uma derrota – em 1975. Mais tarde se saberia, da própria boca do pessoal dos dois destroieres, que o ataque do Golfo de Tonquim nunca aconteceu.

1985 – Intervenção armada na Nicarágua

O presidente Ronald Reagan decreta o estado de “urgência nacional” devido a “ameaça nicaraguense”. O medo norte-americano era ter uma nova Cuba, agora na América Central (“a dois dias de carro saindo do Texas”, gritou Reagan). Em 1979, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), partido político socialista havia derrubado o ditador Anastasio Somoza, pondo fim à dinastia da família Somoza que por 36 anos governava a Nicarágua. Em 1984, o líder sandinista Daniel Ortega foi eleito presidente com 60% dos votos. Os EUA reagiram insuflando um movimento de mercenários anti-sandinistas apelidados de “Os Contras”.

1990 – Declaração de guerra ao Iraque (Guerra do Golfo)

Uma jovem de 15 anos do Kuwait dá um depoimento chocante durante uma convenção política. Com os olhos marejados, ela contou que era voluntária em uma maternidade do Kuwait quando viu soldados iraquianos entrarem de repente tirarem os bebês das incubadoras levando-as embora e deixando os bebês morrerem no chão frio.

O depoimento causou forte comoção popular, foi reproduzido milhares de vezes pela TV e foi um fator decisivo para que os membros do Congresso votassem em favor da guerra contra Saddam Hussein. Teve início a Guerra do Golfo.

Soube-se depois, que a jovem era filha do embaixador do Kuwait, jamais estivera na tal maternidade e que fora contratada pela RendonGroup, uma poderosa agência de assessoria de imprensa.

2002 – Justificativa para a guerra contra o Iraque

George W. Bush, perante a Assembleia da ONU, apresenta um relatório de acusação contra Saddam Hussein com o título “Uma década de mentiras e desafios”. O relatório era um rosário de mentiras entre elas a de que o Iraque possuía “armas de destruição em massa” entre as quais armas químicas e biológicas capazes de provocar gangrenas gasosa, a peste, o tifo, a cólera e a febre hemorrágica. Nada disso foi provado.

2003 – O espetacular resgate de Jessica Lynch no Iraque

Em abril de 2003, a grande imprensa norte-americana divulgou com uma impressionante profusão de detalhes, o resgate da militar Jessica Lynch no Iraque. Ela fazia parte da 3ª Divisão de Infantaria do Exército dos EUA que serviu no Iraque. No dia 23/03, ela e seus companheiros soldados foram emboscados, na Batalha de Nassíria, quando pegaram o caminho errado. Cerca de onze soldados americanos foram mortos e sete outros que resistiram até gastar toda munição foram capturados pelas tropas iraquianas. Entre eles, estava Jessica Lynch que foi apunhalada, amarrada e levada para um hospital em território inimigo, em Nassíria.

No hospital, ela foi espancada e maltratada por um oficial iraquiano. Uma semana depois, um destacamento de forças especiais norte-americanas transportadas por helicóptero teria conseguido libertá-la durante uma operação-relâmpago, precedida de um tiroteio e de explosões. Apesar da resistência da guarda iraquiana, os comandos teriam conseguido penetrar no hospital, de onde teriam levado Jessica, de helicóptero, para o Kuwait.

Naquela mesma noite, falando da Casa Branca, o presidente Bush anunciou à nação a libertação de Jessica Lynch. Oito dias depois, o Pentágono distribuiria aos meios de comunicação um vídeo que teria sido gravado à noite durante a proeza com cenas dignas dos melhores filmes de guerra.

Uma semana depois, a guerra acabou. Um grupo de jornalistas dos jornais *Los Angeles Times*, *Toronto Star*, *El País* e da *BBC World* foi a Nassíria para checar a versão do Pentágono. Os médicos iraquianos que trataram de Jessica revelaram que não havia sinais de facada e seus ferimentos (perna e braço fraturados e um tornozelo torcido) não provinham de armas de fogo, mas do acidente do caminhão em que ela se encontrava. Ela havia perdido muito sangue e os médicos buscaram entre familiares alguém com o mesmo tipo sanguíneo: O positivo.

Com a paciente restabelecida e a guerra terminada, os médicos avisaram as tropas americanas que o exército iraquiano deixara a cidade e que podiam buscar Jessica sem qualquer risco.

Dois dias depois, na madrugada de 02/04, o comando especial norte-americano entrou no hospital disparando suas armas e lançando bombas do lado de fora. Aos gritos de *Go! Go! Go!*, eles avançaram como uma operação de guerra até o quarto de Jessica. Tomaram-na nos braços e a levaram ao helicóptero inteiramente cercado e protegido por soldados fortemente armados. Tudo foi filmado pelo assistente de Ridley Scott que trabalhou com ele no filme “Falcão Negro em perigo” (2001). As imagens foram enviadas ao comando central do exército norte-americano, no Catar. Editadas e aprovadas pelo Pentágono, foram divulgadas para o mundo inteiro.

Fonte

RAMONET, Ignacio. *Mentiras de Estado*. Le Monde Diplomatique Brasil. 1 jul 2003.

STONE, Oliver e KUZNICK. *A história não contada dos Estados Unidos*. Faro Editorial, 2015.